



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ELA DÁ CLOSE: BREVES NOTAS SOBRE A IMAGEM DE ROBERTA CLOSE PELA REVISTA MANCHETE A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Universidade de Passo Fundo - Ronaldo Pires Canabarro¹

RESUMO

O presente estudo é uma análise documental realizada sobre uma imagem de capa da Revista Manchete no ano de 1984. Essa estampa Roberta Close, transmulher que se tornou famosa na década de 80 do século XX. A personagem se tornou um ícone de beleza feminina da época, chegando a posar nua para duas revistas masculinas, Playboy e EleEla. A análise de tal documento é uma apresentação parcial de um trabalho completo sobre assunto que analisa mais duas imagens de capas da Revista em que Roberta Close é fotografada. A reflexão se dará sobre as representações e as construções de identidades transfemininas, assim denominadas, pois se fará uma reflexão sobre a transexualidade e sua construção identitária de forma histórica. Ambas vistas enquanto construção da identidade de gênero feminina.

INTRODUÇÃO

A transexualidade é citada pela área médica como Transexualismo e apresentada no DSM-IV² (Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais), como um Transtorno de Identidade de Gênero. A descrição destaca que os indivíduos “transtornados” tem o desejo de se submeter à cirurgia de redesignação sexual (reconstrução/adequação do órgão genital), alterando sua genitália para enquadrar seu corpo a sua *psiquê*. Importante destacar que existem tanto transhomens como transmulheres. Qual seja, transmulheres são as pessoas nascidas com uma genitália biológica de reprodução classificada como masculina (pênis), mas constroem sua identidade de gênero feminina, desejando e sentindo forte necessidade de adequar o corpo a sua necessidade e desejo. Um transhomem é o processo inverso, com uma

¹ Licenciado em História pela Universidade de Passo Fundo-RS e Mestrando em História Regional pela mesma instituição.

² A “doença do gênero errado” está catalogada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TRTM) e na Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Mesmo tais manuais sendo revisados periodicamente, e mesmo com o esforço do movimento internacional pela despatologização trans, as novas versões ainda manterão o “transtorno” catalogado, passando somente a caracterizar disforia.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

genitália biológica de reprodução classificada como feminina (vagina), mas com a identidade de gênero masculina.

A nós interessa pensar, na presente proposta, o gênero como uma identidade descolada ou, não ligada diretamente a genitália de nascimento que as pessoas apresentam. Essa cisão não é estanque e possível de ser vivenciada de fato pois, os discursos sobre sexo e gênero se confundem, se fundem, se comprimem, se estimulam, se complementam, se separam, se deslocam e se criam nas relações sociais e temporais, tudo isso entendido aqui como afirma Foucault (1988): um “dispositivo histórico”.

Assim, entendendo como um dispositivo histórico explícito que o entendimento e discussão se encontrará no nível de construção de identidades sociais sexuais ou sexualizadas. Muito embora, como destaca Bento (2006), não existe uma identidade transexual (única) mas sim, “posições de identidade organizadas através de uma complexa rede de identificações que se efetiva mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que seja um/a homem/mulher de ‘verdade’”. (BENTO, 2006, p. 201).

Vamos a análise da imagem.

Uma mulher diferente – Impressões da Capa da *Revista Manchete* de 1984

O Brasil havia entrado na década de 80, com um saldo de repressão política, censura e perseguição. A ditadura militar instaurada no ano de 1964 estava chegando ao fim. Desestruturada a política ditatorial perdia suas forças, dando possibilidade de surgimento de movimentos sociais e sindicatos fortalecidos e que lutavam por mudanças. O ano de 1984 é marcado pelo início de reabertura democrática e a saída dos militares do poder. O país estava no clima das *Diretas Já*, movimento popular político que buscava a volta do sufrágio universal nas eleições, mas que foi rejeitado na votação do Congresso Nacional.

O período ainda trazia resquícios da repressão política e da censura dos meios de comunicação. A televisão e a revista se firmam enquanto meios de comunicação de massa que podem exercer seu poder de (re)construir identidades coletivas, (re)criar novas identidades e



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

fortalecer o sistema binário homem/mulher, mulher/homem como forma compulsória da heteronormatividade³.

A revista *Manchete*, fundada em 1953 pelo ucraniano Adolf Bloch, apresentava-se como uma revista de entretenimento de fatos diversos, como o cotidiano de artistas e celebridades.

Tratavam de amenidades, ou, no máximo, curiosidades, mesmo quando Científicas (câncer, psicologia, entre outros), sem situar os textos a fim de apresentar uma visão esclarecedora do tema. No momento do seu surgimento tinha a fotografia como um de seus elementos mais importantes. (BAPTISTA, S./D.)

David Bowie, Boy George, Michael Jackson e Ney Matogrosso são figuras que representam um aspecto da discussão dos anos 80 em torno da sexualidade: a androginia. Os filmes *Tootsie* (1982), *Vitor ou Vitória* (1982) faziam no cinema o questionamento do sistema binário de sexo em que estamos inseridos. Na androginia não há uma certeza sobre o gênero da pessoa que se apresenta. Para x andróginx é possível acessar elementos de ambos os gêneros/sexos num mesmo corpo, compondo outra possibilidade onde essas fronteiras de gênero não são definidas ou estanques.

Foi na década de 80 que despontou, no Brasil, uma discussão mais ampliada acerca da política e do gênero. Esse despertar gerou tensões políticas como o surgimento de movimentos sociais LGBTs que passam a lutar para terem seus direitos respeitados e assegurados⁴.

Essa questão política fez também surgir situações e personagens interessantes, uma delas, destacamos aqui: Roberta Close. Uma transmulher, com o órgão genital masculino ainda presente, que é acionada frequentemente como uma pessoa triste porque nasceu no “corpo errado” (ROSA, 2012). Essa ambiguidade e curiosidade que despertava a personagem, à sua época, suscitaram-nos outros questionamentos sobre a identidade coletiva

³ Usamos aqui a definição de Judith Butler do livro *Problema de Gênero* (1999). Tendo como base a heteronormatividade enquanto uma regra cultural, jurídica, educacional, social e econômica que situa a heteroafetividade no centro de todos os desenvolvimentos de discursos de normalidade.

⁴ Para saber mais sobre o assunto ver em: FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

transfeminina, quais sejam: como a identidade de Roberta Close é apresentada e como ela representa uma construção de uma identidade transexual no período? Como os discursos de feminilidade são acionado e/ou transgredidos para falar da personagem?

A imagem (abaixo) é a capa da Revista Manchete, número 1698, de maio de 1984, ano em que Roberta Close é eleita por vários meios de comunicação como a mulher mais bonita do Brasil.



Capa: *Revista Manchete*, n. 1698, MD/1984

O interessante da personagem é que a aura de curiosidade, de mistério sobre o “verdadeiro sexo” de Roberta é retroalimentado pelos discursos e pela forma como ela se apresenta. Esse estímulo ao *vouyerismo* dos leitores, por parte de uma revista de circulação nacional, é uma situação interessante do ponto de vista mercadológico, pois, como destaca Kossoy,

Algumas imagens nos levam a lembrar, outras a moldar nosso comportamento; ou a consumir algum produto ou serviço; ou a formar conceitos ou reafirmar pré-



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

conceitos que temos sobre determinado assunto; outras despertam fantasias e desejos. (KOSSOY, 2007, p. 44-45).

Apresentada como uma mulher com atributos dóceis, é fotografada junto com um filhote de um animal selvagem, o tigre. Talvez representando a forte relação entre a docilidade feminina e a força masculina. Não à toa, o animal mostrado é um filhote, dócil e tranquilo, como uma mulher, em contraposição à figura do tigre, que quando adulto, é um animal feroz, que impõe medo por sua presença e porte, “como um homem”.

Observa-se que ela está com o rosto o mais natural possível, pouca maquiagem, demonstrando a beleza como dom⁵, como algo dado, naturalmente feminina, sem precisar de artifícios. Possivelmente para contrastar duas coisas: a primeira, diferenciar-lhe de homens (homossexuais ou heterossexuais) que se montam⁶ de mulher como as *drag queens*⁷ ou ainda como as *cross-dressers*⁸; segundo, para colocá-la num patamar de mulher “natural”, que mesmo possuindo ainda um pênis, tem uma “essência de mulher”. Na busca dessa imagem da mulher ideal, perfeita, que é bonita sem ser exagerada.

A roupa da modelo, aparentemente uma roupa de dormir, possivelmente uma camisola, sem sutiã, já que evidencia o mamilo, faz novamente referência a essa mulher natural, e ao mesmo tempo sensual. Outra ação importante é que ela aparece em plano médio, sem mostrar os membros inferiores do corpo, o que faz aumentar a aura de mistério e dúvida sobre o “verdadeiro sexo” de Roberta.

O uso da chamada “*Roberta Close conquista o mundo*” antecipa ao leitor o conteúdo interno da reportagem que irá mostrar a história da modelo e do quanto ela está sendo chamada para trabalhar internacionalmente.

⁵ Para ver mais sobre essa perspectiva de beleza feminina ver interessante artigo de Denise Bernuzzi de Sant’Anna, Cuidados de Si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil, parte integrante do livro Políticas do Corpo de organização da mesma.

⁶ O termo montar-se é utilizado dentro do meio LGBT, em especial com as Drag Queens que são figuras masculinas que se vestem e maquiam-se com atributos do feminino para fazer shows e espetáculos com personagens, alguns caricatos outros, quase sócias de mulheres famosas.

⁷ Homens que usam artefatos e vestimentas tidas como inversas ao papel social determinado para sua genitália, em geral exagerando, muitas vezes extrapolando a feminilidade e sensualidade, para fins de apresentação artística.

⁸ Homens que usam, se vestem de artefatos e vestimentas tidas como inversas ao papel social determinado para sua genitália, para satisfazer desejos sexuais temporários.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

As figuras de linguagem e a representação social de Roberta se aproximam muito daquilo que as feministas da época avaliavam como sendo uma tentativa de retorno a submissão, já que é no bojo da década de 80 que o trabalho e a visibilidade de feministas e ativistas sobre direitos das mulheres se destacam. Outrossim, essa representação de Roberta não se encerra em si mesma, uma vez que,

[...] as representações sociais vão além dos trabalhos do psiquismo individual e emergem como um fenômeno que expressa a subjetividade do campo social e sua capacidade para construir saberes. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 79)

Carolina M. S. Rosa (2012) nos traz as análises de algumas ativistas feministas e psicólogas da década de 80 sobre Roberta Close. Segundo apresenta, citando Rose Mari Muraro e Marta Suplicy, as mulheres da década de 80 estariam saindo de casa e tomando o mercado de trabalho, frequentemente se tornando independentes. Essas mudanças estariam tornando as mulheres cada vez mais “masculinas” e Roberta seria a imagem da mulher *à moda antiga*. Frequentemente acionada como mulher recatada, gentil, educada, atributos femininos da mulher idealizada. Ainda, ao que nos remete, ao ler o discurso dessas intelectuais é que o uso da imagem de Roberta, uma transmulher, é uma forma de construção de uma representação social contraposta ao feminismo, de forma que ao dizer que essa pessoa, Roberta, que nasceu homem, e hoje se “tornou” mulher, deseja ser uma mulher *à moda antiga*, porque as mulheres, nascidas nessa condição, deveriam querer ser “masculinizadas”?

E necessário observar, de forma um pouco mais aprofundada, quando a revista insere o texto “*Roberta Close conquista o mundo*”. Alguns autores como Larissa Pelúcio (2011) e Jorge Leite Jr. (2011) apontam que o Brasil (junto com a Tailândia) são reconhecidos internacionalmente como paraísos sexuais, onde a oferta das mulheres de todos os “tipos” é abundante, praticamente sem limites. Além disso, ambos os países são exportadores de travestis e transexuais. Ao que nos parece, a imagem de Roberta Close, na década de 80 contribuiu para a construção dessa representação social do país. Inclusive, Roberta é atualmente casada com um suíço. E esse relacionamento teve início no final da década de 80. A figura de Roberta pode ter contribuído para reforçar o estereótipo, que remonta ao período



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

colonial, das “crenças e expectativas sobre a feminilidade brasileira, idealizada como naturalmente sensual, ferosa e sempre disponível sexualmente – pois vem de uma terra localizada em trópicos misteriosos com uma natureza luxuriante [...]” (LEITE, 2011).

Por fim, é também na década de 80 que nosso país, ao sair de um período de ditadura, volta a se enquadrar como uma democracia integrada na economia internacional, há um pressão internacional para as mudanças no país. O país colonizado por europeus, aparentemente nunca desconstruiu sua imagem internacional de país exótico, sexualizado e selvagem. Suas mulheres seguidamente eram/são descritas como ferosas e disponíveis para o sexo.

Considerações inconclusivas

Apresentei aqui a análise de apenas uma imagem, mas o trabalho completo, que será enviado para uma revista que aborde a temática compõe-se de três capas da Revista Manchete. Essas são dos anos de 1984, 1989 e 1994. Indicando o início da carreira de sucesso de Roberta no mundo *fashion*, a seguir quando de sua cirurgia de redesignação genital e sua “completude enquanto mulher”, e por fim, quando ela “debuta”, pois, completa 30 anos de idade e “15 anos de mulher”, já que segundo ela mesma, se assumiu como mulher aos 15 anos de idade.

O trabalho levantou inúmeras indagações sobre essa figura carismática, que simboliza de certa forma uma década, numa reflexão mais ampla sobre como as imagens acionam a memória e como as imagens (re)criam e apresentam ideias e representações sociais, bem como, identidades coletivas e discursos de poder.

Ao que nos mostra esse trabalho o discurso e o uso imagético da personagem Roberta não seguiram um desejo de diminuir a ação de preconceito sobre as identidades transfemininas, mas ao contrário, fortaleceram o discurso binário, da imagem de feminino ideal e de masculino ideal, colocando ainda mais fortes os limites e fronteiras entre esses. Não podemos negar que essa figura teve um papel importante como visibilidade das personalidades trans, mas a travestilidade que ela negava, por exemplo, ficou cada vez mais



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

marginalizada. Numa clara distinção de classe e raça, Roberta Close, a transexual, era apresentada como requintada ao passo que as travestis eram os “viados afetados de rua”.

Sua constante definição como educada e discreta, inclusive na sua forma de se apresentar nos meios de comunicação de massa, serve de reforço do preconceito em vez de servir como diminuição das barreiras atitudinais com as identidades transfemininas. O fato de apresentar-se como mulher, e ser reconhecida como tal, acionava automaticamente a pergunta das pessoas sobre a heterossexualidade de Roberta, com perguntas sobre como os homens a tratavam, ou como ela se sentia quando estava com um homem, nunca foi pensado outra possibilidade sobre a orientação sexual de Roberta (lésbica, bissexual, assexual). Aliás, a esperada ligação linear entre identidade de gênero e orientação sexual era reforçada. Pelo menos nos textos das capas e nas imagens, em nenhum momento aparece essa possibilidade de diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual.

Ainda, observamos que esse assunto precisa ser muito mais explorado pela historiografia, em especial para entender como nossa sociedade lida com o biopoder sobre os corpos, não somente na perspectiva de Foucault. E precisa, também, entender como as mídias, impressa e televisiva, se relacionam com a sexualidade e em que medida reforçaram/reforçam estereótipos e ou (re)criam identidades.

Por fim, não pretendíamos aqui esgotar as possibilidades de análise e afirmamos que o uso de imagens por parte de historiadores, ainda que tenha avançado e permitido novas leituras, precisa de mais profissionais que se aventurem por essas novas fontes.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, Iria C. Q.; ABREU, Karen C. K. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. Unisinos, S/D.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008. Aprova a Regulamentação do Processo Transexualizador no âmbito do Sistema Único de saúde – SUS.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 1.482/97. Autoriza, a título experimental, a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 1.652/2002. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1.482/97.

CAMPOS, Maria C. Cunha. Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção. Texto apresentado no Colóquio identidades da UERJ, em maio de 1999.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Transexualismo. São Paulo, Casa do psicólogo, 2008.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: A Vontade Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 17ª edição. Impresso no Brasil, 2006.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 17ª edição. Impresso no Brasil, 2006.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 17ª edição. Impresso no Brasil, 2006.

GASPODINI, Icaro Bonamigo; RISSI, Vanessa. Processo transexualizador: apontamentos sobre o papel do(a) psicólogo(a). In: VII Mostra de Iniciação Científica e Extensão Comunitária e VI Mostra de Pesquisa de Pós Graduação da IMED, 2013, Passo Fundo-RS. VII Mostra de Iniciação Científica e Extensão Comunitária e VI Mostra de Pesquisa de Pós Graduação da IMED, 2013.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 67-99.

KOSSOY, Bóris. Os tempos da fotografia. Cotia-SP: Ateliê editorial, 2007.

LEITE JÚNIOR, Jorge. “Nossos Corpos Também Mudam”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso médico científico. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008

PELÚCIO, Larissa. Deseos, brasilidades y secretos – El negocio del sexo en la relación entre clientes españoles y travestis brasileñas. In: PAVEZ, Jorge e KRAUSHAAR, Lilith. (eds.) Capitalismo y pornología. San Pedro de Atacama, QILLQA/ Universidad Católica Del Norte, 2011, pp.437-461

ROSA, Carolina M. S. Dá um close nela – a imagem do transexual em revistas brasileiras através do “caso” Roberta Close (1983-1991). Trabalho de Conclusão de curso de História – LP da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre: 2012.



**X Colóquio Nacional Representações
de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). Políticas do Corpo. 2. Ed. São Paulo: Estação
Liberdade, 2005.